



# **IGREJA: ORGANISMO OU ORGANIZAÇÃO?**

Dr. Samuel Valério

## IGREJA: ORGANISMO OU ORGANIZAÇÃO?

Samuel Pereira Valério<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo tem como propósito contribuir na análise da lição 6, da revista Escola Bíblica Dominical – EBD, das Assembleias de Deus – ADs, intitulada: *Igreja – organismo ou organização?*, que tem como tema para o primeiro trimestre de 2024, *O corpo de Cristo*. Através de uma exegese proposta pelo comentarista da lição, José Gonçalves, iniciamos a nossa contribuição exegetica, inserindo a percepção de outros autores que analisaram o tema exegeticamente, possibilitando assim, um aprofundamento na discussão realizada por Gonçalves. Portanto, nosso método parte de uma contribuição da exegese dos textos gregos, apresentando o significado da palavra igreja, sua composição como organismo, sua estrutura como organização, a preocupação paulina com o termo ἐκκλησία, procurou-se apresentar os significados dos termos gregos utilizados por Pedro em sua primeira carta, no capítulo 2.9, ressaltando, ao final, a dupla natureza da igreja de Cristo. Com a pretensão de aprofundar uma discussão vital para a boa compreensão do significado mais assertivo dos termos da língua grega, para a ampliação do conhecimento teológico.

**Palavras-chave:** Igreja; ἐκκλησία; Corpo de Cristo; Exegese; Cristianismo.

### ABSTRACT

The article aims to contribute to the analysis of lesson 6 from the Sunday School Magazine - EBD, of the Assemblies of God - ADs, entitled: Church - organism or organization? This is the theme for the first quarter of 2024, The body of Christ. Through an exegesis proposed by the lesson's commentator, José Gonçalves, we begin our exegetical contribution by incorporating the perception of other authors who have analyzed the theme exegetically, thus allowing for a deeper discussion based on Gonçalves' work. Therefore, our method involves contributing to the exegesis of the Greek texts, presenting the meaning of the word church, its composition as an organism, its structure as an organization, and Paul's concern with the term ἐκκλησία. The article also seeks to present the meanings of the Greek terms used by Peter in his first letter, in chapter 2.9, emphasizing, in the end, the dual nature of the church of Christ. The intention is to

<sup>1</sup> Pastor auxiliar na Igreja Batista Filadélfia em Lauzane, São Paulo. Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor do curso de graduação em Teologia e na Pós-Graduação em Ciências da Religião e Educação na Faculdade Bíblica das Assembleias de Deus – FABAD, em Pindamonhangaba, São Paulo, Brasil. email: samuelpvalerio@gmail.com



deepen a discussion vital for a better understanding of the most accurate meaning of the terms in the Greek language, and to expand theological knowledge.

**Keywords:** Church; ἐκκλησία; Body of Christ; Exegesis; Christianity.

## INTRODUÇÃO

Ao me deparar com o livro: *O corpo de Cristo: origem, natureza e vocação da igreja no mundo* (2024), de autoria do pastor José Gonçalves, no capítulo seis, intitulado: *Igreja: organismo ou organização*, senti-me desafiado a aprofundar algumas concepções apresentadas pelo autor, que julgo ser importantes. Diante disso, surge essa reflexão, como uma análise que pretende trazer maior profundidade, explorando questões teológicas, históricas e sociológicas, aplicando-as ao texto apresentado por Gonçalves de forma muito competente. Vale salientar que esse livro foi escrito como um material auxiliar aos professores de Escola Bíblica Dominical – EBD, das Assembleias de Deus – ADs, culto dominical matutino, onde se estudam as *Lições Bíblicas* – nome da revista utilizada por essa denominação pentecostal brasileira.

Com o propósito de aprofundar a discussão, surge a seguinte questão: o termo grego ἐκκλησία tem ligações ou transversalidades com outros textos no Novo Testamento? O texto da primeira carta do apóstolo Pedro 2:9-10, podem nos auxiliar para compreendermos com maior assertividade e profundidade o que significa ἐκκλησία?

Para tanto, dividiremos este artigo em quatro partes. Primeiramente, apontaremos o significado de ἐκκλησία – igreja, desde o grego koiné (grego utilizado nos livros neotestamentários). Em um segundo momento, definiremos teologicamente o que é um organismo. Na terceira parte trataremos da instituição. E, por fim, apresentaremos a igreja e sua multiforme atuação.

Utilizaremos como ponto de partida o livro de Gonçalves, suas observações e apontamentos, para dar maior precisão as análises aqui apresentadas. A Bíblia de Estudo Antonio Gilberto, editada pelo pastor assembleiano Antonio Gilberto (1927-2018), comporá as literatu-

ras utilizadas neste texto. Magno Lessa do Espírito Santo, nos auxiliará na compreensão mais precisa de alguns termos gregos. Ronaldo Lidório nos apresentará uma visão da função da igreja, a partir de uma exegese de versículos do Novo Testamento – NT. Vilson Scholz nos ajudará na compreensão de termos gregos com mais precisão. Donald Guthrie, contribuirá ainda no aprofundamento do grego. Michel L. Dusing, auxiliará na compreensão da ἐκκλησία – ekklesia e suas nuances. Gunnar Nascimento Chaves e Roberto Hofmeister Pich, nos desafiará quanto as ADs e o diálogo interreligioso. Adson Belo, trará o seu conceito de igreja híbrida para compor a discussão proposta. William Barclay, contribuirá com o sentido das palavras do NT.

Nossa reflexão não pretende esgotar o tema, algo que parece-nos quase impossível, mas deseja explorar um outra possibilidade paralela que remete-nos a ἐκκλησία – igreja, extrapolando, a partir da carta de Pedro, o sentido mais particular aplicado por Paulo quando refere-se a complexidade da igreja de Cristo Jesus.

### **O que significa igreja?**

O termo grego ἐκκλησία, transliterado por ‘ekklésia’, expressa a ideia do nome igreja, que significa reunião, agrupamento de pessoas. Contudo, ao explorar o sentido teológico mais profundo, ressalta-se que o significado teologicamente preciso é *chamados para fora*, pois, a igreja nasce no dia de Pentecostes, com intuito exclusivo de testemunhar de Jesus Cristo, havendo recebido o poder do Espírito Santo para desempenhar tal tarefa (At 1.8). Portanto, ao referir-se à igreja como uma comunidade de pessoas, faz-se necessário compreender o seu significado mais amplo.

Na articulação proposta por Magno Lessa do Espírito Santo (2019, p. 44), na ἐκκλησία, todas as pessoas tinham o mesmo direito de participar. Quando precisava-se chegar a alguma decisão sobre o direito de um cidadão, como o banimento, por exemplo, havia a necessidade de, pelo menos 6000 cidadãos estar presentes. Destaca-se que, no mundo grego mais amplo, o conceito de ἐκκλησία assumia a forma de qualquer assembleia de cidadãos devidamente convocados.



No mundo romano a palavra sequer foi traduzida, apenas transliterada por *ekklesia* e utilizada com o mesmo significado. Há uma inscrição arqueológica encontrada em Atenas por volta de 103-104 d.C., que atesta o uso da palavra *ἐκκλησία*.

Referindo-se a essa inscrição Barclay (1985, p. 45, Apud SANTO, 2019, p. 44-45) expressa:

A primeira aparição da palavra *ἐκκλησία* no Novo Testamento – NT, está nas palavras de Jesus referidas ao apóstolo Pedro, em Mt 16.18: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Existem outras mais de cem referências no NT que empregam a palavra “igreja”: *ἐκκλησία*, composta com a preposição *ἐκ* (“fora de”) e o verbo *καλέο* (“chamar”). Portanto, *ἐκκλησία* denota, originalmente, um grupo de cidadãos chamados e reunidos, visando um propósito específico, como define-nos Michel L. Dusing (1996, p. 536).

Desde os escritos de Heródoto, Xenofontes, Platão e Eurípedes, no século V a.C., este termo já é conhecido. O conceito de *ἐκκλησία*, prevalecia, sobretudo, na capital da Grécia, Atenas, onde os líderes políticos eram convocados como à uma assembleia constituinte, atingindo até quarenta vezes ao ano, como nos esclarece Dusing (1996, p. 536). Ainda, no NT, a utilização secular do termo *ἐκκλησία* aparece em At 19.32, 41, por exemplo, onde esse termo refere-se à turba enfurecida contra os efeitos do ministério do apóstolo Paulo.

Contudo, na maioria dos casos, o termo *ἐκκλησία* tem uma conotação religiosa, referindo-se àqueles que Deus chamou para fora do pecado e para dentro da comunhão do seu Filho, Jesus Cristo, tornando-se “concidadãos dos santos e da família de Deus” (Ef 2.19). *ἐκκλησία* é um termo comumente empregado às pessoas que são identificadas nas reuniões para adorar e servir ao Senhor, encerra Dusing (1996, p. 536).

### **Igreja como organismo**

No sentido teológico e bíblico a igreja é um organismo vivo, Rm 12.4-8; 1ª

Co 10.17 expõe a palavra grega σῶμα = corpo; 1ª Co 12.12-14; Ef 4.4; Cl 1.18. É importante salientar que esse termo grego faz alusão ao corpo humano, analogia proposta pelo apóstolo Paulo, em distintas cartas, às diferentes igrejas, para esclarecer o significado que ele desejava empregar ao termo. No contexto aplicado aos Romanos, Paulo esclarece as distintas funções dos membros no corpo, onde, cada membro do corpo, cada qual com seu próprio dom, desempenharia a sua função. Na carta aos Efésios, o apóstolo expressa que temos todos a mesma vocação, ou propósito dentro do corpo de Cristo. E, direcionando-se aos Colossenses, Paulo esclarece que a primazia no corpo é do próprio Cristo.

Fica-nos evidenciado que a preocupação paulina está na má utilização dos dons e talentos dentro do corpo de Cristo, uma vez que todos, judeus e gentios, todos somos chamados pelo Senhor, cabeça do corpo, a desempenharmos as distintas e necessárias funções, assim como os dons do Espírito Santo, como expressado em 1ª Co 12:7 (NVI): “A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum”.

O Novo Testamento apresenta-nos a igreja, em primeiro lugar, como um organismo vivo (At 2) e, posteriormente, percebeu a necessidade de organizar-se (At 6). Dessa forma, organismo e organização são apresentados como dois lados de uma mesma moeda. Podemos afirmar que não há função sem forma e organismo sem organização, como nos coloca José Gonçalves (2024, p. 65).

A igreja primitiva era conhecida como um organismo vivo em virtude da comunhão entre seus membros (At 2:42-46), ainda, pelo exercício de seus carismas (1ª Co 12-14). Esta era a estrutura do Corpo de Cristo, continua Gonçalves (2024, p. 65). Utilizando-se da analogia com o corpo humano, o apóstolo Paulo demonstra este fato (1ª Co 12). Consequentemente, a organização é um processo em tudo o que é humano. Os seres humanos sentem a necessidade, em alguma medida, de estarem organizados.

Entretanto, existe outro aspecto sobre o qual desejamos nos referir – a institucionalização da igreja. Nesse sentido, destacamos que organização não é sinônimo de institucionalização. A organização é boa e saudável para a vivência da igreja; contudo, a institucionalização, não. Como organização, a igreja anda livremente; a institucionalização enrijece a mesma, calcificando-a e fossilizando-a. A



organização está preocupada em ser uma igreja adornada interiormente; a institucionalização busca, externamente, aparatos para que consiga êxito nesse aspecto. A organização é divina (1ª Co 14.30); a institucionalização é humana. Deve-se, portanto, buscar a organização, evitando assim, a institucionalização, sugere-nos Gonçalves (2024, p. 66).

O teólogo assembleiano Antonio Gilberto (2021, Apud GONÇALVES, 2024, p. 67), refletindo sobre a estrutura da igreja, a define da seguinte maneira:

A igreja é, ao mesmo tempo um organismo e uma organização. É a igreja invisível com seu aspecto visível. As igrejas locais, com seus templos e tudo o que eles contêm, são organizações, mas o povo que pertence a essas igrejas, que as frequenta, servindo e adorando a Deus, compõem-se de pessoas nascidas de novo pelo Espírito. Essas igrejas formam, no seu conjunto universal um organismo espiritual (1 Pd 2.5). A igreja como organismo e organização (Ef 4.12-16). Vejamos as duas principais diferenças entre esses dois: (1). Um organismo tem vida; uma organização, não. A Igreja Universal, como o corpo de Cristo, como um organismo, não depende de cerimônias, de reconhecimento de templos, de estatutos civis, de livro de atas, de livros de rol de membros e coisas semelhantes, mas ela como organização necessita de tudo isso e muito mais como veremos no desenrolar deste estudo. A igreja universal permanecerá inabalável quando tudo isso terminar. (2). Um organismo tem apenas uma cabeça; uma organização pode ter mais. Como o corpo de Cristo, a Igreja tem uma só cabeça que é Ele mesmo. Ela é chamada de corpo porque não só é a expressão visível dele aqui, bem como executa a sua obra e faz o seu querer. Paulo antes da sua conversão estava perseguindo a igreja aqui na terra, do céu Jesus entrou em ação a favor dela, perguntando: “Saulo, Saulo, porque me persegues?”. Perseguido aos membros da Igreja, Saulo estava perseguindo a Cristo! Ao passo que ela, como organização têm os seus líderes e dirigentes locais, regionais e nacionais. É bem patente em Ef 4.12-16 que a Igreja é primeiramente um organismo, mas tanto no livro de Atos como nas Epístolas vemos também a igreja como uma organização local, regional e nacional. Alguns espiritualizam de tal forma que a Igreja que o assunto chega ao ridículo; outros a organizam tanto com esquemas, planos, rotina, programas que ela passa a ser apenas um corpo social como uma associação qualquer; um clube a mais.

Essa dupla natureza da igreja é necessária, pois a mesma insere-se no mundo como promotora da revelação de Deus aos povos que ainda não ouviram o evangelho de Jesus. Ao mesmo tempo que age como corpo, a institucionalização é necessária diante das autoridades civis e governamentais, pois, a igreja de Cristo, a noiva do Cordeiro, necessita caminhar obediente a esfera pública também, sem, contudo, deixar de cumprir seu papel de anunciadora do Reino de Deus as pessoas.

### Igreja como organização

Ao referir-se sobre a questão da igreja como organização, Lewi Pethrus (CARLSSON, 1974, Apud GONÇALVES, 2024, p. 69) define:

Sindicatos, sociedades, associações e denominações, podem ter seus valores, mas não são instituições divinas; (1). Elas [instituições] constitui grandes riscos e perigos para a única organização que o novo testamento conhece, ou seja, a igreja de Deus e Jesus Cristo; (2). Eles [sistemas] reúnem o conselho e a liderança da obra de Deus e os colocam nas mãos de alguns poucos homens que, como consequência disso, tornam-se, na maioria dos casos, inflados e perdem o poder espiritual; (3). Ou “se eles não são inflados, os membros da igreja em geral os admiram demais e, em muitos casos, simplesmente os adoram”; (4). Deus não quer que nenhum de Seus servos ou testemunhas sejam elevadas acima dos Seus irmãos, pelo contrário, ele quer que todos eles estejam diante Dele e do povo no mesmo nível; (5). As organizações e credos denomina têm origem a divisões.

Pethrus (1939, Apud GONÇALVES, 2024, p. 71-71 – há repetição de página), por ocasião da *Conferência Mundial Pentecostal*, em 1939, em Estocolmo, Suécia, se propôs a responder as seguintes perguntas: “A organização ao lado ou acima da Igreja local é aceitável? Que tipo de organização é mais bíblica e, portanto, desejável?”

É bastante claro que a obra de Deus como o cristianismo que apareceu no dia de Pentecostes deve ter uma forma externa para existir, um vaso no qual o poder Divino pudesse ser derramado e armazenado. Deve ter algum tipo de organização. E conseguiu isso também. Na primeira era cristã, os grupos de atividades não eram desorganizados. Portanto, a questão não é se uma obra de Deus deveria ter organização ou não, mas que tipo de organização deveria ser.

Na perspectiva de Pethrus, a igreja como organização é necessária, mas, não deve submeter-se a modelos ou padrões de instituições humanas, pois ela tem características que transpõe a sua natureza organizacional, ela é um organismo vivo e, como tal, desempenha sua função espiritual e socialmente. A igreja age nesta terra olhando para o alto, para a eternidade. Suas raízes não estão fincadas no chão deste mundo, antes, essas raízes estão sendo permanentemente alimentadas pelo rio que sai do trono de Deus e, por isso, a igreja do Senhor, caminha nesta terra, propensa sempre as coisas espirituais.





### **A preocupação de Paulo com o termo ἐκκλησία**

Nesta parte do texto, retomamos o conceito neotestamentário de ἐκκλησία com a finalidade de explorar outros significados e ampliar nosso escopo de análise, ainda que, em algum momento, existirá certa percepção de repetição, desejamos salientar a posição teológica quanto ao termo ἐκκλησία proposta pelos autores que serão destacados nessa seção.

Sobre a utilização paulina do termo ἐκκλησία, vejamos o que Donald Guthrie (2011, p. 347-348) afirma:

Dentro das epístolas paulinas, há certas indicações da natureza das comunidades locais. A expressão “na igreja” é usada várias vezes em ICoríntios (11.18; 14.19,28,35), em que ela se refere a uma assembleia de crentes. Não há sugestão de um prédio específico. Na verdade, a ideia de uma igreja como representando um prédio é totalmente estranha ao NT. Há evidências de igrejas se reunindo em casas. Na verdade, algumas igrejas consistiam de vários grupos familiares (cf. Rm 16.5,10,11). Parece muito provável que, quando a palavra ekklesia é usada para representar o número total de crentes em certo lugar (além daqueles já mencionados, cf. Rm 16.1, Cencreia; Cl 4.16, Laodiceia; Gl 1.22, as igrejas da Judeia), os grupos geralmente consistiam de várias comunidades domésticas associadas. O padrão paulino para a igreja parece ser que cada grupo local era uma igreja de Deus, mas nenhum deles podia ficar isolado dos demais. Essa característica é expressa fortemente pelas imagens usadas por Paulo.

É evidente a forma singular com a qual o apóstolo Paulo atribui ao termo grego ἐκκλησία, transpondo a concepção grega, assumindo um significado próprio dentro do Cristianismo primitivo. Não existe a ideia de prédio, ou ainda, de um local físico para reuniões nos contextos nos quais o apóstolo aos gentios se expressa, ao contrário, essa noção soa-lhes estranho. A igreja é, segundo essa perspectiva, a reunião dos cristãos que desejam, com seus serviços e dons, adorar juntos ao Senhor Jesus.

Paulo ainda está preocupado em estabelecer um tipo de igreja, uma comunidade de pessoas diferentes, com suas próprias perspectivas para a vida, mas, que unidas, procuram, como noiva do Cordeiro, estar preparada para o grande dia das Bodas, na eternidade. Isso denota que a igreja não deve fincar seus pés na terra, antes, sua visão

deve apontar o céu, as coisas transcendentais, as coisas espirituais, como expresso na carta aos Colossenses 3:2: “Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas”.

Paulo, na primeira carta aos Coríntios 1:10, expressa: “Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer”. Existe uma multiplicidade de pensamentos, mas, a unidade do corpo deve ser sempre preservada, onde Deus manifesta sua multiforme graça, como o apóstolo coloca-nos em Efésios 3:10: “[...] para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais [...]”.

As epístolas paulinas estão repletas de orientações sobre a igreja permanecer unida e unanime em Cristo. A sociedade secular nas cidades onde inseriam-se as igrejas que foram remetentes das cartas de Paulo, influenciavam as igrejas, através de sua cultura e modo de vida. Por esses motivos, o apóstolo orienta-os, em seus distintos escritos, a não serem como as pessoas que não conheciam a Jesus, pois esses, ainda teriam uma desculpa, mas, os cristãos, não.

Os pentecostais nunca foram homogêneos, sempre houve rupturas e porosidades, mas isso não justifica as manifestações de ambição dos líderes religiosos pentecostais. Contudo, essas distintas visões sobre a igreja de Jesus, justificariam, em tese, o surgimento dos mais variados tipos de igrejas, mas, é preciso deixar claro que, apesar dessas distintas visões serem legítimas, deve sempre existir a unidade do corpo de Cristo, pois esta, transporia o denominacionalismo presente nas instituições religiosas, mas, a falta de unidade não deve permanecer no corpo de Cristo.

### **O significado dos termos gregos em 1 Pd 2.9-10**

Para nos auxiliar neste tópico do texto, buscamos a compreensão exegética do reverendo Ronaldo Lidório, em seu livro: *Igreja viva: buscando em Cristo o fortalecimento espiritual* (2023). Nossa



finalidade, contudo, não é esgotar o sentido do texto, mas, de apresentar uma percepção coerente a partir da análise de Lidório.

Primeiramente, Lidório (2023, p. 14) afirma que a palavra original em grego para raça é γένος – genos, utilizada para espécie e também para parentes ou família. Seu significado, portanto, é a participação de um grupo de pessoas que está intrinsecamente conectado um ao outro, algo que se equipara a um laço consanguíneo. Deste modo, para o apóstolo Pedro, raça eleita indica um grupo de pessoas que são escolhidas divinamente, tornando-se uma família. ἐκλεκτός – eleita, demonstra que esta raça foi eleita, escolhida e chamada por Deus. Logo, Deus é a fonte de nossa natureza, significado e propósito de vida, ressalta Lidório.

O termo grego βασιλείον ἱεράτευμα – real sacerdócio, apontado por Vilson Scholz (2004, p. 861) nos é traduzido literalmente dessa forma. Portanto, a linguagem utilizada em português, sacerdócio real, faz todo sentido. Ressaltamos uma pergunta importante que Lidório (2023, p. 15-16) nos faz: em que sentido somos sacerdócio real? Nós o somos, pois pertencemos espiritualmente a linhagem de Cristo, o Rei. Em Cristo e por Cristo somos abençoados e seremos um canal de bênção a outros. Semelhantemente, o apóstolo Paulo ensina-nos em Rm 8.17: “Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados”. Então, somos sacerdócio real, porque a nossa vida foi adquirida por Cristo e ele nos chamou para vivermos nele e com ele para sempre, pontua Lidório.

Voltando ao sentido que Pedro deseja nos apontar, o apóstolo segue nos ensinando que somos ἔθνος ἅγιον – nação santa, referindo-se a pessoas que estão unidas por características próprias, como língua, cultura e localização. Com frequência, associamos a expressão santo como algo puro e, de fato, a palavra tem esse significado primário: puro, purificado, sublime. Mas, embutido a seu significado, carrega a ideia de separar-se para uma finalidade específica, esclarece Lidório (2023, p. 17). Estamos unidos a Cristo pela graça de Deus e não há nada que nos separará dele. Se a nossa união em

Cristo estivesse alicerçada em nós, certamente, a perderíamos. Não a conquistamos por méritos próprios, pois, se assim fosse, certamente, se quebraria. Se dependesse de nossa vontade e desejo, jamais a teríamos. Contudo, estamos unidos a Cristo por sua graça, pelo plano e força de Deus, acrescenta Lidório (2023, p. 18).

As palavras *λαός εις περιποίησιν* – povo para propriedade, denota que o povo aqui salientado tem uma finalidade. Lidório (2023, p. 20) apresenta-nos que o significado manifesta um grupo de pessoas com afinidade de origem, como língua e cultura, ainda, a população de um lugar. É importante salientar que o texto a seguir esclarece o sentido exegético dos termos aqui utilizados.

A parte final do versículo explicita a finalidade de Deus apropriar-se desse povo. Vejamos o texto no original, segundo Scholz (2004, p. 861): *ἀπὸς τὰς ἀρετὰς ἐξαγγείλητε τοῦ ἐκ σκότους ὑμῶν καλέσαντος εἰς τὸ θαυμαστὸν αὐτοῦ φῶς* – para que anuncieis as virtudes do que vos chamou da escuridão a vós para a maravilhosa luz dele. Diante do exposto, fica-nos evidenciado que o povo que foi escolhido por Deus, foi chamado para anunciar a maravilhosa luz do Senhor, logo, temos uma missão, um papel a cumprir, pois fomos chamados por ele para tal tarefa.

No versículo 10, Pedro continua: *οἳ ποτέ οὐ λαός νῦν δὲ λαός θεοῦ, οἱ οὐκ ἤλεημένοι νῦν δὲ ἐλεηθέντες* – os quais então não éreis povo, mas agora sois povo de Deus, os quais não tínheis recebido misericórdia, mas agora, recebestes misericórdia. Scholz (2004, p. 861) nos anuncia esta tradução mais precisa, o que apontaria para uma graça recebida através do favor de Deus por nós, seus filhos. Fomos agraciados, abençoados pela graça de Deus a nós, através do sacrifício de Jesus Cristo e nos tornamos seu povo, alcançados por sua misericórdia.

Todas as igrejas, sem exceção, têm implicitamente seus problemas, pois são formadas por pessoas imperfeitas, como eu e você, como afirma-nos Lidório (2023, p. 27). Se a pessoa estiver procurando falhas, certamente poderá criticar qualquer igreja, pois todas elas possuem imperfeições, pecados e limitações. O principal motivo para



amarmos a igreja de Jesus é que ela, a igreja, foi alvo do amor de Cristo na cruz, através de seu sacrifício impensável e imensurável.

### **A igreja híbrida**

Com a finalidade de apresentar um modelo negativo para que os nossos olhos estejam atentos ao que tem ocorrido em algumas organizações cristãs e, ao refletirmos sobre o tema da eclesiologia, nos deparamos com termo *igreja híbrida*, cunhado pelo pastor e teólogo Adson Belo, pastor na IMAFE – Ministério Pescador de Almas. O autor apropria-se de um termo da biologia, onde, as espécies híbridas, são estéreis. Portanto, na perspectiva apresentada por Belo, uma igreja híbrida refere-se a uma igreja infrutífera.

Belo (2019, p. 175) afirma que a igreja de Jesus se tornou híbrida, miscigenada, sem compromisso com a vida. Ainda, ressalto o hibridismo da igreja na contemporaneidade, Belo (2019, p. 176) coloca-nos:

Por ser híbrida, resultado de um cruzamento mutante DNA modificado, a igreja moderna se tornou estéril e infrutífera. Por não poder gerar filhos de seu próprio ventre, adotam filhos que vêm do mundo e que trazem consigo os vícios e todos os pecados para dentro do seio da igreja.

Diante do posicionamento do autor, percebemos que existe uma dificuldade com a argumentação proposta, pois, para que haja crescimento na igreja, faz-se necessário proclamar o evangelho de Jesus as pessoas de fora, que estão para além de nossas construções arquitetônicas, de nossos locais de culto. Por outro lado, é perceptível que a igreja da atualidade está entrelaçada com questões de cunho político e social, pois entendem que o estabelecimento do Reino de Deus se dará através de políticas-partidárias propostas pelos evangélicos presentes no parlamento federal.

Mas, o Reino de Deus, que não é deste mundo (Jo 18.36), mas, se revela a nós (Mt 10.7), paradoxalmente, o Reino se revela e se estabelece, mas, não é deste mundo. Talvez por nossa compreensão desfocada das coisas espirituais, entendemos que as *coisas* do Reino estão vinculadas a agenda política. Definitivamente, não estão! É

legítimo a luta do cristão pela preservação da cultura cristã que permeia a sociedade brasileira, assim como é legítimo a luta de pessoas que se opõe a ela, pois, no caso brasileiro, o país é laico, não tendo uma religião oficial, ainda que o Cristianismo seja a religiosidade predominante.

Com a justificativa de alcançar um crescimento numérico significativo, as respectivas igrejas híbridas, abrem *nichos eclesiais* para que atendam as necessidades e caprichos de uma crescente horda de adeptos, sendo estes fiéis, consumidores dos artigos de fé que seus líderes manipulam, enriquecendo através da ganância, expressa Belo (2019, p. 176).

Nem todo crescimento eclesial é saudável, antes, em diversos casos, a igreja cresce desestruturada e, uma igreja que não conhece a palavra de Deus de forma mais profunda, mais íntima, que desfruta de um relacionamento superficial com seu noivo Jesus, não consegue manter-se em pé, mas rasteja com as migalhas que caem da mesa dos demais.

As igrejas híbridas são inchadas em virtude de suas mutações, tornaram-se empobrecidas da graça de Deus. Essas igrejas são exuberantes, ricas, com púlpitos estilizados, com barris, pranchas, tatames, ringues etc., pontua Belo (2019, p. 176).

Possivelmente, o dono da igreja está do lado de fora. Não trata-se de uma igreja que atrai as pessoas pelo poder da palavra de Deus ou pela necessidade de conversão e arrependimento genuíno, antes, como um objeto na mão de seu líder, deturpam a visão do mestre Jesus, pervertendo-a, invertendo-a e, até mesmo, omitindo a mensagem por pessoas de uma mentalidade pérfida, exclama Belo (2019, p. 177). A igreja híbrida perdeu a sua identidade e, em alguns casos mais extremos, profanam o culto, esquecem-se dos fundamentos antigos, pervertem os valores espirituais e ignoram suas origens, declara Belo.

A igreja híbrida é como uma figueira estéril, tem muitas folhas frondosas, mas, o mestre Jesus não encontra nela os frutos debaixo de suas folhas e, seus galhos, não produzem mais flores, continua Belo (2019, p. 178). Os templos da igreja híbrida foram remodelados, com



a finalidade de atender questões de neurolinguística, evitam a clareza, visando a concentração dos adeptos somente na voz do líder, como ovelhas mudas, são levadas ao matadouro. O objetivo é eliminar a capacidade de reação dos fieis, a fim de que sejam manipuláveis. Algo que funciona como um efeito bumerangue, retroalimentados por seus próprios caprichos, declara Belo (2019, p. 178).

Na igreja híbrida não há respeito próprio, apropriam-se da cultura alheia, adaptando-se e desprezando a própria cultura, assevera Belo (2019, p. 179). A igreja híbrida não gera nada relevante e permanente, sendo um local onde se produz estrelas, ídolos, fã-clubes etc. Mundanizam o sagrado e sacralizam o profano, adaptando-se ao carnaval, Halloween. Belo (2019, p. 181). Pode-se quase tudo em nome dessa expressão religiosa que, a cada dia, desconfigura o que de fato é o Cristianismo.

Onde surgir uma igreja híbrida, ela terá sucesso, pois existe uma grande demanda de consumidores para este tipo de igreja. Belo (2019, p. 187) afirma que muitos cristãos híbridos são desigrejados. Deixam de congregar pelos motivos mais fúteis, contudo, a subcultura híbrida dos desigrejados, na tentativa de justificar-se por essa prática, apresentam a ausência do novo nascimento em suas vidas. Essa igreja híbrida apegou-se demasiadamente ao mundo, de tal forma que o seu discurso gira sempre em torno de questões materiais. A ἐκκλησία foi chamada para fora e, a igreja híbrida chamou o mundo para a ἐκκλησία, conclui Belo (2019, p. 188).

Sabemos que não há igreja perfeita, a mesma é constituída por pessoas imperfeitas, contudo, salientamos nesse tópico a perda da manifestação dos frutos da igreja na sociedade. Isso pode nos suscitar muitas questões, mas, teremos o prazer de fazê-las e respondê-las em um momento oportuno. Nossa ênfase é reconhecer as limitações da igreja que, em sua composição humana é falha e falível, mas, o Senhor da igreja, continua o mesmo, perfeito em todos os seus feitos.

### **Igreja como empresa do 3º setor**

O terceiro setor, representado por empresas sem fins lucrativos é composto pelas instituições religiosas, ONGs ou OSC, instituições beneficentes, voluntariado, afim de promoverem o bem-estar social que fogem ou ultrapassam os limites governamentais, procurando

atendê-los de forma a suprir a ausência ou a ineficiência estatal. Tais empresas surgiram para desempenhar este papel no que tange a democratização e o acesso de políticas sociais promovidas por essas instituições e pessoas.

A partir de uma conversa sobre assuntos relacionados a igreja com o Pr. José Heleno Barbosa da Silva<sup>2</sup>, surgiu a intuição de escrever algo que observa-se atualmente nas igrejas evangélicas brasileiras. Observando os modelos das *Megas Churchs* brasileiras, podemos afirmar que, o padrão administrativo e eclesiástico não correspondem mais aos estabelecidos pela legislação brasileira que regulamenta o setor através de leis próprias, exigindo uma atuação social relevante das agremiações religiosas, entre elas, a igreja evangélica. Modelos de administração tem sido importados, sobretudo dos Estados Unidos e Europa, onde, as *Megas Churchs* tem desempenhado um papel que chama a atenção de igrejas de outras nações, sobretudo as do terceiro mundo.

Como observado no DOU,<sup>3</sup> as empresas do terceiro setor, entre elas, a igreja, não tem fins lucrativos, são compostas por voluntários e atuam na sociedade amenizando o desequilíbrio social, tendo como foco o *bem-estar da população*. Porque as igrejas têm migrado para o segundo setor, deixando de cumprir o papel social para o qual existem? Estariam tais instituições religiosas colocando os interesses econômicos acima dos sociais e espirituais? Existe uma predisposição em algumas igrejas brasileiras para agirem como empresas do segundo setor, ou seja, empresas com fins lucrativos. Tais igrejas realizam grandes eventos no chamado *mundo Gospel* onde cobram ingressos e, em muitos casos, com valores exorbitantes, justificado através do alto custo de se realizar eventos de tal magnitude. Trazem bandas renomadas entre os evangélicos, pastores *popstars*, montando uma grande estrutura para receber as pessoas, a fim que o evento justifique a cobrança de ingressos.

2 Empresário do setor e ar-condicionado e pastor, atuando com casais.

3 A definição de cada segmento social, primeiro, segundo e terceiro setor, estão disponíveis no site do Diário Oficial da União, disponível em: <<<https://e-dou.com.br/2017/06/primeiro-segundo-e-terceiro-setor/>>>





### A dupla natureza da igreja de Cristo

Para salientarmos a igreja como organismo, retomamos a reflexão de Michael L. Dusing. *A igreja do Novo Testamento* (1996). Onde ele expõe que a igreja deve ser encarada um organismo, *algo que possui e gera vida*, ou uma organização, enfatizada por suas estruturas e forma? Para Dusing (1996, p. 556) durante a história do Cristianismo tal pergunta tem sido postulada através dos mais variados motivos e das mais distintas maneiras. Os diferentes grupos de cristãos (inclui-se alguns pentecostais do início do século passado) postulam que a igreja é apenas um organismo. Sua ênfase está em questões de cunho espiritual e tentativas de organizar o corpo de cristãos pode resultar na *erosão da igreja*, podendo ainda, trazer a *morte da espontaneidade e vida que caracterizam a verdadeira espiritualidade*. Outras pessoas acreditam que deve haver necessariamente a estrutura organizacional da igreja. Afirmam de forma extrema que a Bíblia saliente pormenores específicos para que a igreja seja regulamentada (contudo, discordando entre si, subvertem os próprios argumentos sobre tais pormenores!).

Pensando mais profundamente na abordagem da questão, Dusing (1996, p. 556-557) sugere que não se coloque o problema como pergunta (“Qual dos dois?”), antes como solução: ambos. Certamente que um exame da igreja no Novo Testamento nos trará aspectos que favorecerão o conceito de “organismo”. O dinamismo da igreja e a liberdade que desfrutava através do entusiasmo de ser dirigida pelo Espírito, contudo, o mesmo exame revelará que a igreja atuava, desde seus primórdios, com um certo grau operacional. Portanto, os dois pontos (organismo e organização) não precisam necessariamente estar em estado de tensão, sendo possível perceber que ambos se completam. A unidade orgânica da igreja, sugere através de distintas descrições, que a igreja é o *povo de Deus, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo*. O relacionamento do cristão com Cristo promove a vida espiritual do indivíduo e, conseqüentemente, através de sua vida torna-se um canal de alimentação e fortalecimento comunitário (Ef. 4.15,16). Para que o organismo sobreviva, se faz necessário a estrutura. Ao compartilhar o evangelho de Cristo em e fazer discípulo em

todo mundo, a igreja necessitará de um sistema organizacional com o enfoque de otimizar eficientemente seus recursos, conclui Dusing.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da ἐκκλησία nos remete a reflexões profundas e necessárias para a igreja na contemporaneidade. Isso se deve a características perdidas, alteradas e, em alguns casos, negligenciadas pela própria igreja que não está alerta aos padrões que se estabeleceram no mundo e acabam incorporando esses modelos de fora, acomodando-os e, com o passar do tempo, as pessoas acabam entendendo que o evangelho de Jesus adequou-se, adaptou-se.

Apresentamos a igreja como um organismo vivo, o corpo de Cristo que atua na sociedade com a finalidade de proclamar as virtudes do Reino de Deus aos povos que ainda não ouviram. A igreja como organização representa o aspecto humano, social e legal da igreja do Senhor, algo legítimo e necessário em democracias organizadas, portanto, existe uma função social da igreja de Jesus Cristo e, essa função deve ser exercida.

Nossa discussão nesta reflexão procurou esclarecer o modelo paulino de igreja – ἐκκλησία e, ainda, transpor, em certa medida, a análise, contribuindo com a inserção do texto da primeira carta de Pedro 2:9-10. Esse segundo texto nos auxilia em uma compreensão mais ampla, haja vista que somos igreja, mas somos geração eleita, sacerdócio real, nação santa, entre outras verdades bíblicas.

Oferecemos ao leitor uma categoria, a igreja híbrida, como um modelo negativo ao modelo bíblico neotestamentário. Esse modelo tem igreja padroniza-se com aquilo que a sociedade pós-moderna lhe oferece, captando elementos não cristãos e inserindo-os nos padrões das coisas do Reino de Deus. Mas, esse modelo de igreja que perpassa a sociedade atual, encontrará barreiras teológicas e doutrinárias quando for confrontado com a Bíblia, a palavra de Deus.

Como forma de pontuar as considerações dessa necessária discussão apresentamos a dupla função da igreja, espiritual e social.



Espiritual, pois é portadora da mensagem de Jesus e, impulsionada pelo Espírito Santo, proclama o evangelho as pessoas que ainda não decidiram caminhar com ele. Social, pois é uma parte da sociedade, com a qual deve cumprir deveres e requerer direitos, contudo, sempre alicerçada no amor, na graça e na misericórdia, características da expressão do próprio Deus por nós.

### Referências Bibliográficas

BARCLAY, William. *Palavras chaves do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1985.

BELO, Adson. *Igreja híbrida: uma abordagem teológica e sociológica*. São Paulo: Editora Pergunte Porque, 2019.

CHAVES, Gunnar Nascimento; PICH, Roberto Hofmeister. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus e as tensões doutrinárias para o diálogo inter-religioso. *Revista Opinião Filosófica*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 1-23, 2019. DOI: 10.36592/opiniaofilosofica.v10i2.924. Disponível em: <<<https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/924>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

DUSING, Michel L. A igreja do Novo Testamento. In: HORTON, Stanley M. (ed.). *Teologia Sistemática*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1996. Capítulo 16, p. 535-578.

GILBERTO, Antonio. *Bíblia de Estudo Antonio Gilberto*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

GONÇALVES, José. *O corpo de Cristo: origem, natureza e vocação da igreja no mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.

GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

LIDÓRIO, Ronaldo. *Igreja viva: buscando em Cristo o fortalecimento espiritual*. Manaus, AM: Kingdom Words, 2023.

PETHRUS, Lewi. *Europeiska Pingstkongferensen*. Stockolm: Häroldens Tryckeri, 1939.

SCHOLZ, Vilson. *Novo Testamento Interlinear grego-português*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

SANTO, Magno Lessa do Espírito. A convocação para se reunir: a palavra ἐκκλησία no uso popular, na LXX, nos evangelhos e na literatura paulina. *Tear Online*, São Leopoldo, v. 8 n° 1, p. 43-49, jan.-jun. 2019. Disponível em: <<<http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/download/3681/3223>>. Acesso em 13/01/2023.

